

Gaza vive onda de saques com piora na crise humanitária

CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO

SITUAÇÃO-LIMITE EM GAZA
ONU aponta 'colapso da ordem pública' após saques de depósitos de comida



Bloqueio. Palestinos carregam alimentos e outros produtos de um centro de distribuição da ONU em Gaza. 117 caminhões com ajuda humanitária entraram em uma semana, contra 500 por dia antes

Após três semanas de um bombardeio intenso, que está reduzindo as cidades da Faixa de Gaza a escombros, e de um bloqueio que impede a entrada de ajuda humanitária suficiente para os 2,3 milhões de habitantes sitiados, uma sequência de saques a armazéns e centros de distribuição de alimentos da ONU levou a agência de assistência aos palestinos da organização (UNRWA na sigla em inglês) a alertar ontem para o 'colapso da ordem pública' no território.

A advertência veio enquanto as Forças Armadas de Israel intensificam os bombardeios e ampliam sua ofensiva terrestre na região. De sábado para ontem, os militares israelenses disseram ter atingido 450 alvos do Hamas, o grupo terrorista que governa Gaza e foi responsável pelo ataque a Israel em 7 de outubro que deixou cerca de 1.400 mortos, além de 239 reféns (na última contagem). Em Gaza, as autoridades afirmam que o número de mortes já passa de 8 mil.

A situação revela-se "cada vez mais desesperadora", alertou o secretário-geral da ONU, António Guterres, em nota, instando novamente a uma pausa humanitária no enclave palestino, enquanto autoridades internacionais alertam para uma resposta "desproporcional" de Israel no conflito. "Milhares de pessoas en-

traram em vários armazéns e centros de distribuição da UNRWA no centro e no sul da Faixa de Gaza", afirmou a agência da ONU num comunicado. "É um sinal preocupante que a ordem pública esteja começando a ruir depois de três semanas de guerra e de um cerco rigoroso a Gaza", disse o chefe local da agência, Thomas White, acrescentando que as "pessoas estão assustadas, frustradas e desesperadas".

'FOME E DESESPERO'

O Programa Mundial de Alimentos da ONU (PMA), por sua vez, alertou em comunicado que os saques representam "a fome e o desespero crescentes" entre a população de Gaza. "Este é um sinal de que as pessoas perdem a esperança e ficam mais desesperadas a cada minuto. Estão com fome, isoladas e sofrem violência e imensa angústia há três semanas", disse Samer Abdeljaber, diretor do PMA para a região. "Precisamos de uma pausa humanitária para podermos chegar às pessoas necessitadas com alimentos, água e necessidades básicas de forma segura e eficaz."

— Estamos na fila desde as 5h30. Não temos certeza [se conseguiremos alguma coisa] — disse à AFP Aisha Ibrahim, deslocado do norte de Gaza, na tentativa de conseguir pão para a família em um centro de distribuição.



Improvisando. Moradores de Deir el-Balah, Gaza, usam o mar para lavar roupa e tomar banho, diante da falta de água

Em um dos armazéns da agência na cidade de Deir el-Balah, na região central de Gaza, estão guardados suprimentos humanitários que chegaram ao enclave nos primeiros comboios que atravessaram do Egito pelo posto fronteiriço de Rafah, em 21 de outubro — quase três semanas após Israel impor "cerco total" ao fornecimento de alimentos, água, medicamentos e combustível. Desde então, 117 caminhões de ajuda chegaram ao território, contando com a nova remessa — a maior em um único dia até agora, com 33 veículos — enviada ontem. A ONU estima serem necessários ao menos 100 caminhões por dia para atender às necessidades dos habitantes de Gaza. Antes da guerra, entravam cerca de 500 caminhões por dia.

— Lamento que, em vez de uma pausa humanitária crucial-

mente necessária, apoiada pela comunidade internacional, Israel tenha intensificado as suas operações militares — declarou Guterres no Nepal.

Os saques e a intensificação dos bombardeios em Gaza coincidiram com a interrupção das comunicações e da Internet, complicando ainda mais os esforços de ajuda humanitária no sábado. Só ontem os sinais foram restaurados.

FALTA DE ANESTÉSICOS

O território também enfrenta uma escassez de medicamentos. Algumas operações cirúrgicas são realizadas sem que os pacientes estejam completamente sedados, devido à falta de produtos anestésicos, alertou a ONG Médicos Sem Fronteiras (MSF) no sábado. Segundo o Ministério da Saúde palestino, administrado pelo Hamas, 12

hospitais não funcionam mais na Faixa de Gaza — seis por falta de energia e seis por danos causados pelos bombardeios israelenses.

No sábado, o premier de Israel, Benjamin Netanyahu, alertou com a guerra contra o Hamas entrou em sua "segunda fase" e será "longa e difícil". O objetivo, disse, é claro: "Destruir as capacidades militares e a liderança do Hamas e trazer os reféns para casa."

As operações do Exército de Israel, cujos soldados e tanques começaram a atuar dentro de Gaza na sexta-feira à noite, aumentaram desde então, levando a "confrontos violentos" com o Hamas na região norte do território, segundo o braço armado do grupo, as Brigadas al-Qassam.

Por sua vez, as Forças Armadas de Israel afirmaram que os

seus aviões atingiram estruturas militares do Hamas no norte de Gaza, acrescentando que foram disparados foguetes do território palestino em direção ao centro e ao sul de Israel. Ao todo, os militares dizem ter atingido cerca de 450 alvos militares do Hamas na área entre sábado e ontem.

Já Israel foi alvo de foguetes disparados de Gaza, Líbano e Síria, e respondeu bombardeando áreas nos outros dois países também — no Líbano, alvos ligados ao Hezbollah, grupo xiita aliado ao Hamas. As sirenes anti-aéreas soaram em várias cidades do norte a sul.

Autoridades internacionais continuam a criticar Israel pelo que muitos veem como uma resposta desproporcional em sua contraofensiva em Gaza, além de pressionar pela entrada de mais ajuda humanitária.

Ontem, o presidente americano, Joe Biden, instou, em conversa telefônica com Netanyahu, que haja um aumento "significativo" da ajuda a Gaza, informou a Casa Branca em comunicado à imprensa, acrescentando que Israel tem o direito de se defender, desde que o faça "de acordo com o direito humanitário internacional, que prioriza a proteção de civis".

Mais cedo, o conselheiro de Segurança Nacional dos EUA, Jake Sullivan, disse à rede CNN que "o governo israelense deveria tomar todas as medidas possíveis ao seu dispor para distinguir entre o Hamas — os terroristas que são alvos militares legítimos — e os civis, que não os são".

Uma declaração semelhante foi feita pelo premier norueguês, Jonas Gahr Store, que avalia a ofensiva de Israel como "amplamente excessiva".

— O direito internacional exige que [a reação] seja proporcional. Os civis devem ser levados em conta, e o direito humanitário é muito claro sobre isso — disse em entrevista na rádio pública NRK.

NETANYAHU SE DESCULPA

Por sua vez, Netanyahu teve de recuar e desculpar-se após culpar o establishment militar e de segurança de Israel pelos fracassos que levaram ao ataque-surpresa do Hamas ao país. Em comentários na rede social X (antigo Twitter), ele tinha dito que "sob nenhuma circunstância e em nenhum momento (...) foi avisado sobre as intenções de guerra por parte do Hamas". E acrescentou: "Pelo contrário, a avaliação de todo o escalão de segurança, incluindo o chefe da Inteligência militar e o chefe do Shin Bet [o serviço secreto interno], foi que o Hamas foi dissuadido [de fazer ataques a Israel] e procurava um acordo."

As mensagens geraram uma resposta furiosa, inclusive no seu próprio Gabinete de Guerra. A postagem foi excluída e o premier israelense pediu desculpas em uma nova postagem, dizendo: "Eu estava errado".

Embaixada retoma contato com brasileiros

> O acesso à internet foi restabelecido na Faixa de Gaza após um blecaute quase total nas telecomunicações, mas ainda falta água e gás na região de Khan Yunis, a cerca de 10km da fronteira com o Egito. As informações são do embaixador Alessandro Candéias, chefe da representação diplomática do Brasil em Ramallah, na Cisjordânia.

> Os diplomatas brasileiros conseguiram finalmente no sábado contato com os brasileiros na região, depois de um dia sem notícias. — Faltam água e gás em Khan Yunis. Há muitos mosquitos, alguns estão gripados — disse o embaixador, acrescentando que algumas crianças apresentam problemas nos olhos.

> Ele também afirmou que a embaixada conseguiu um médico árabe de Jerusalém que vai fazer atendimento à distância para os brasileiros.

> De acordo com os brasileiros em Gaza, os preços de alimentos, água e gás quase triplicaram na região. A embaixada brasileira se comprometeu a enviar mais recursos para

compra de quantidades maiores de mantimentos, para mais dias. — Apesar do clima permanente de tensão e medo, todos os brasileiros estão bem, com alimento, água e gás para os próximos dias. Pediram que comprássemos alguns mantimentos a mais, para o que estamos disponibilizando recursos — contou Candéias.

> No total, 34 pessoas pediram ajuda do governo brasileiro para sair da Faixa de Gaza: 24 brasileiros e 10 palestinos com autorização para imigração. Em Rafah, estão 18 pessoas, enquanto as outras 16 estão em Khan Yunis. O Brasil aguarda a abertura da fronteira para conseguir retirar essas pessoas de Gaza pelo Egito. (Victoria Abel, de Brasília)

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Mundo **Página:** 22